



Concepção Operativa de Grupo

Grupos Operativos

‘...os grupos operativos se fazem para *aprender a pensar.*’

Introdução

Década de 1960 toda a Europa viveu movimentos de contestação à ordem instituída.

Na América Latina, Buenos Aires tem forte presença de movimentos sociais, inclusive na área “psi”.


A Associação Psicanalítica Argentina (APA), abriga em seus quadros psicanalistas, que em maior ou menor grau, têm atividade política explícita e organizada.

A Psicanálise é posta em questão, pois sua clínica individual, centrada no indivíduo, com altos custos, está restrita às classes abastadas.

Congresso de Roma –

Um grupo rebelde constitui o **Grupo Plataforma**, de ramificação internacional, em 1971, rompe com o A.P.A e a I P A, *“único no mundo que se separou de uma Associação Psicanalítica por motivos políticos.”*

“... queríamos colocar a Psicanálise no vermelho vivo, queríamos arriscar-nos, como Freud o havia feito, para chegar às sendas do inconsciente, introduzir e colocar a psicanálise na realidade social; queríamos observar e trabalhar a implicação da psicanálise em nossa realidade histórica.”- (Armando Bauleo – *Plataforma, ou história de um projeto*).



“Grupo Operativo: uma prática **ideológica** e técnica, efetuada no âmbito grupal que tem por objetivo aprender a pensar”

As teorias científicas, e as técnicas, surgem influenciadas pelas condições da vida social, nos seus aspectos econômicos, políticos, culturais.

São produtos históricos criados por homens concretos, que vivem o seu tempo e contribuem ou alteram, radicalmente, o desenvolvimento do Conhecimento.




Enrique Pichon-Rivière – Médico

- nascido na Suíça e criado no Charco argentino

Marie Langer – Médica

- (alemã de origem judia)

José Bleger. Médico argentino.



De **Pichon Rivière** fala Marie Langer: “Marxista por conhecimento e formação, anarquista por história de Juventude e por paixão e convencido de que seus Grupos Operativos e sua psicologia social eram revolucionários”. (Langer, 1984).

E acrescenta Armando Bauleo : **Pichon** foi um, “Aristocrata intelectual que ensinava popularmente. Buscava desmascarar dois monstros: o preconceito e o estereótipo, inimigo do dogmatismo. Sua obsessão era a criação”.

Pichon-Rivière: Hospital de las Mercês,

Por razões de origem política, foi retirado o pessoal auxiliar que prestava serviço na ala que Pichon-Rivière dava assistência.


Esta circunstância levou-nos a formar um curso de enfermagem com os pacientes que estavam em melhores condições, desenvolvido em forma grupal... (PICHON-RIVIÈRE, 1965)

“Experiência Rosário” (1958)

Planejada e dirigida por Pichon-Rivière, a cargo do Instituto Argentino de Estudos Sociais – (IADES), com participação de várias escolas da Universidade. - Esta, é considerada como o “ponto de partida”, na cidade de Rosário, Argentina.

Um marco da proposta alternativa de intervenção no social:

GRUPO OPERATIVO.




Pichon-Rivière: o dogmatismo e o estereótipo resultam de uma aprendizagem, criando obstáculo a novas aprendizagens e impedindo a comunicação. Reflete a relação do trabalhador com o fruto de seu trabalho.

TAREFA

A dimensão do trabalho, traz ao campo grupal a inserção do social dos membros, suas relações de produção, abrindo caminho à investigação da relação subjetiva com o trabalho – a ideologia que lhe dá suporte.

Esta perspectiva descaracteriza uma suposta neutralidade.

A teoria e a técnica operativa de grupo, introduzindo a noção de tarefa, nos permitem pensar os grupos para além de um referencial exclusivamente psicanalítico.



Tarefa não no sentido de algo a ter que dar conta, ou dar cabo, mas como inscrição que têm os sujeitos ali. Inscrição social, econômica, política, desejante.

Tarefa como inscrição do sujeito no mundo.



Finalizando quero afirmar:

Grupo-Operativo como um dispositivo.

Uma leitura, uma práxis com grupos - a Concepção Operativa de Grupos.

Concepção que tem na tarefa do grupo o núcleo de uma possível produção coletiva; pensa o coordenador do grupo a uma certa distância que o permita acompanhar a relação grupo-tarefa. Essa distância deve permitir ao coordenador abrir mão da liderança grupal, atento aos líderes, nos diversos momentos do trabalho grupal. Essa Concepção pensa o trabalho grupal pondo limites ao narcisismo, portanto reconhecendo as angustias e resistências provocadas. Concepção que se afirma como gestão de noções, conceitos teórico-práticos, um horizonte de reflexão, uma práxis no campo psicossocial.



Milton dos Santos Bicalho - Psicólogo

Graduado em Filosofia – UFMG.

Especialista em Filosofia – UFOP

**Especialista em Saúde Mental no Serviço Público –
ESMIG/FUNED**

**Especialista em Psicologia Clínica e Psicologia Social
– CFP.**

Mestre em Psicologia Social – UFMG

miltonbicalho@gmail.com

clinicaampliada@gmail.com